

12.10.5.49

O SR. BARUF RUBEM BRAGA

O CACHOEIRO F. C. ganhou o campeonato de futebol do Espírito Santo; mas a cidade continua com pequenas perspectivas de conseguir um campo de aviação. É verdade que o Congresso aprovou um crédito de 2.500 contos, dos quais 1.000 para a estrada. O prefeito começou, afinal, a se movimentar, mas acontece que o general Dutra está usando o chamado veto branco. A verba existe, mas o dinheiro não aparece. É preciso pistolão — e nós, de Cachoeiro de Itapemirim, não temos a sorte de ter produzido um Georgino Avelino, um Vitorino Freire nem nenhuma outra alta personalidade desse tipo. O Espírito Santo continua sendo o mais esquecido dos Estados, talvez por ser terra de um povo de seu natural discreto e pacato.

Chegou um time inglês, cujo centro-avante tem 35 anos, de onde se vê que a nossa geração ainda pode dar no couro. E acontece que descobri um motivo para poder elogiar, com a maior sinceridade, a política do governo em matéria de crédito.

É que havia, defronte de minha casa, uma bonita casinha azul. Foi derrubada, com jardim e tudo, para a construção de um prédio de apartamentos que teria como principal finalidade, segundo eu percebi imediatamente, retirar o sol da manhã do solar dos Braga.

Vi, com tristeza, a velocidade com que foi erguido, o tapume; e as obras se iniciaram com muitos operários. Pois tudo parou. Houve alguma dificuldade no financiamento; ou melhor, não sei o que houve, mas deve ser isto. Sei que os operários, depois de fazer um enorme buraco onde havia a casinha azul e branca e o jardim de acácias espanholas,

foram-se embora, ficando apenas um melancólico vigia, cuja função é olhar com tristeza aquele buraco.

Tôda manhã vejo o nome do construtor na tabuleta — um nome sírio, parecido com Baruf — e fico a imaginar com uma certa delícia que deve ser um senhor gordo e careca que prometeu entregar aquilo em poucos meses e agora coça a cabeça e dá desculpas, pois o homem do Banco explicou a ele que o Instituto, o senhor compreende, e o Banco do Brasil, o senhor compreende, etc.

Os dois prédios da esquina já estão quase prontos (o que aumentará sensivelmente o número de sujeitos a concorrer comigo para um lugar no bonde, no ônibus e no lotação) mas o prédio do Baruf é apenas um sonho pairando sobre um buraco.

Cumprimento com a maior simpatia o nome do sr. Baruf na tabuleta tôda manhã — e faço votos para que ele coça a cabeça com mais raiva. Há casos de obras que ficam paradas anos e anos... Quem sabe que não será este o caso dessa obra do sr. Baruf — que ficará sendo apenas (título a que vários estadistas nossos fazem jus) um emérito construtor de buracos?

Enfim, enquanto o Baruf estiver mal, tudo irá bem. Se o governo resolver abrir o financiamento — o Baruf retirará, ao pobre Braga, o sol da manhã e a brisa marinha. Baruf deve ser, como o Estado do Espírito Santo, um homem sem pistolão. Os cavaleiros que entraram com dinheiro adiantado para ter um apartamento devem estar com raiva do Baruf. Eu, entretanto, sou grato a Baruf e de todo coração lhe desejo uma excelente saúde, muitas alegrias, bons vinhos — e um encalacrimento prolongado e sutil, que entretenha com fúteis esperanças o coração dos sujeitos que deram entrada para os apartamentos.

Um encalacrimento que se prolongue através dos anos e se torne tão crônico e dramático que acabará comovendo a todos, e só terminará no dia em que o sr. Baruf fôr enterrado (homenagem especial) no buraco enorme que ele abriu ali defronte.